

# Contributo para o estudo da sociabilidade protestante no Portugal contemporâneo: as Ligas de Esforço Cristão

ALEXANDRA VIDAL\* | JOSÉ ANTÓNIO AFONSO\*\* | ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA\*\*\*



\* Universidade do Porto; Arquivista do Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

<https://orcid.org/0000-0001-9903-5585>  
vidal.alexandra@gmail.com

\*\* Centro de Investigação em Educação - Instituto de Educação, Universidade do Minho

<https://orcid.org/0000-0002-7061-306X>  
jafonso@ie.uminho.pt

\*\*\* Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Universidade do Porto

<https://orcid.org/0000-0002-2403-4737>  
amspilva@hotmail.com

**Resumo:** Analisam-se as Ligas do Esforço Cristão como exemplo de sociabilidade protestante do Portugal dos inícios do século XX. Tendo origens nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, as Ligas de Esforço Cristão rapidamente se alargaram à Europa, chegando a Portugal em 1903, pela mão de Diogo Cassels, que fundou em Vila Nova de Gaia a primeira Liga de Esforço Cristão, na igreja do Torne, comunidade de rito lusitano (anglicano). Como caso de estudo particular, evoca-se a Liga de Esforço Cristão do Prado, estabelecida em outra igreja lusitana, desde a década de 1920, revisitando-se os seus diferentes dispositivos e mecanismos de integração e animação sociocultural. Concluímos que as Ligas de Esforço Cristão funcionaram como motores de integração e recomposição social, tendo como fim a promoção do indivíduo, num plano ético e de compromisso pessoal com a fé cristã e as instituições religiosas.

**Palavras-chave:** Portugal, Protestantismo, Igreja Lusitana, Esforço Cristão, Sociabilidades juvenis.

## Contribution to the study of Protestant sociability in contemporary Portugal: the Christian Endeavor leagues

**Abstract:** The article analyses the Young People's Society of Christian Endeavour as an example of Protestant sociability in Portugal in the early 20th century. Having its origins in the United States, in the second half of the 19th century, the Christian Endeavor leagues or societies quickly spread to Europe, arriving in Portugal in 1903 by Diogo Cassels, who founded the first League at Vila Nova de Gaia, in the church of Torne, a community of Lusitanian (Anglican) rite. As a particular case study, we evoke the Christian Endeavor League of Prado, established in another Lusitanian church, since the 1920s, revisiting its different mechanisms and strategies of integration and sociocultural animation. We conclude that the Christian Endeavor Leagues functioned as engines of social integration and change, having as their nuclear aim the promotion of the individual, on an ethical level and of personal commitment to Christian faith and religious institutions.

**Keywords:** Portugal, Protestantism, Lusitanian Church, Christian Endeavor, Youth sociabilities.

## Introdução

Entre as dinâmicas juvenis induzidas pelos movimentos protestantes oitocentistas originados pelo *Réveil*, deverão ser consideradas as *Young People's Societies of Christian Endeavor* – Ligas ou Sociedades de Esforço Cristão, na sua receção portuguesa – pelo seu encastramento nas comunidades religiosas, tonificando-as de um modo específico como organizações que fariam jus ao lema: *For Christ and the Church*, que se traduziu numa forma particular de socialização da juventude para missões de cariz eminentemente religioso, sem contudo descuidar a responsabilidade secular (social e pública) que os seus membros deveriam protagonizar<sup>1</sup>. Nesta dimensão, as Ligas representam um espaço de sociabilidade original no contexto dos protestantismos do último decénio do século XIX.

Nascidas nos Estados Unidos da América, as sociedades de «Esforço Cristão» rapidamente ultrapassaram fronteiras, circulando a nível mundial como modelo organizacional e popularizando-se, através de congressos interdenominacionais e visitas ao estrangeiro das elites dirigentes evangélicas. A circulação transnacional das reflexões e realizações que o movimento do Esforço Cristão vinha assumindo materializou-se em configurações nacionais, relativamente adaptadas aos contextos culturais de emergência ou consolidação dos protestantismos dos respetivos países, mas sufragando sempre a identidade internacional (iconográfica e essencialista) do movimento do Esforço Cristão<sup>2</sup>. Na verdade, observando a difusão do movimento e a sua assimilação em numerosos países de vários continentes, o seu carácter internacionalista sobrepõe-se, por vezes, aos contornos das culturas nacionais, mesmo comparando a sua constituição, funcionamento e perenidade.

Privilegiando uma perspetiva analítica que toma como fontes a produção de textos e objetos (jornais, fotografias, estandartes, emblemas e outros elementos), temos vindo a ensaiar uma abordagem às Ligas ou Sociedades de Esforço Cristão em Portugal, do que o presente texto constitui primeiro esboço. A análise centra-se numa experiência concreta, com expressões materiais que nos informam sobre, por um lado, uma dimensão performativa e, por outro, remetem para atividades e relações com o mundo social. Esta dupla entrada possibilita compreender o espaço das Sociedades como um universo simbólico e cognitivo, onde se opera uma socialização no coletivo – como coesão intragrupal e, sobretudo, como interação com

1 AFONSO, José António – *Protestantismo e Educação. História de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX*. Braga: Universidade do Minho, 2009, p. 264-265. O papel de certas associações juvenis enquanto «*character-building spaces*» e dispositivos promotores de uma cidadania consciente tem vindo a ser analisado em detalhe, tendo em vista particularmente os movimentos escutistas no Reino Unido, por MILLS, Sarah – *Mapping the Moral Geographies of Education – Character, Citizenship and Values*. London / New York: Routledge, 2021, p. 58ss.

2 DANIELSON, Robert Alden – *Badges of the International Christian Endeavor and World Christian Endeavor conventions*. Wilmore, Kentucky: First Fruits Press, 2016.

outros espaços, redes e sociabilidades – significando tanto um modo de ação como, ainda, o forjar de trajetórias individuais distintas.

Nesta linha de raciocínio, as Ligas são uma formulação associativa que estimula uma partilha comum do tempo, do espaço, da organização, dos valores e das amizades, capaz de ensaiar fórmulas de solidariedade e cooperação, ou de projetar um futuro compartilhado; mas, em simultâneo, também um espaço de referência onde germinam a autonomia e a reflexividade, *in nuce*, onde se compõe a vida moderna num entrelaçado de comunidades afetivas e relacionais de sociabilidade, que suplantam as condições materiais da vida quotidiana<sup>3</sup>. Desta forma, o Esforço Cristão – objeto histórico que tem tido escassa ou nula expressão investigativa na história social do protestantismo, pelo menos em Portugal – justifica maior visibilidade, designadamente se perspetivado pelas potencialidades que encerra, numa lógica interdisciplinar, com eventual recurso à sociologia, à antropologia e outras abordagens, visando uma aproximação à socio-história das sociabilidades juvenis.

## 1. A tardia chegada do protestantismo a Portugal

A inexistência de protestantismo<sup>4</sup> em Portugal antes do século XIX é praticamente consensual na historiografia, sendo também relativamente comum a explicação para que o País tenha divergido dos debates e contendas que nos séculos XVI-XVII agitaram grande parte da Europa, no campo religioso, cultural e político. Muito em especial, terá sido a introdução da Inquisição (1536) e as suas práticas de vigilância, censura e perseguição que impediram, quase por completo, a difusão de ideias protestantes e a eventual implementação das novas sensibilidades religiosas no território português<sup>5</sup>.

Visando defender a pureza e ortodoxia do catolicismo, a prática piedosa e, na mesma linha, a moral e os «bons costumes», o Santo Ofício dirigiu-se maioritariamente, quantificando os processos e condenações, contra os «cristãos-novos» e os suspeitos de práticas judaizantes. Porém, o rigoroso controlo das atitudes sociais e religiosas não podia deixar de fora qualquer indício de curiosidade ou simpatia pelas ideias e propostas que Lutero, Melanchton, Calvino ou outros reformadores

3 Cf. BIDART, Claire – Sociabilités: quelques variables. *Revue française de sociologie*. 29 (1988) 621-648; CANAL, Jordi – Historiografía y sociabilidad en la España contemporánea: Reflexiones con término. *Vasconia*. 33 (2003) 11-27; CUCÓ, Josepa – La sociabilité. *Ethnologie française*. 2 (2000) 257-264 e VEGA TORRES, Daniel Roberto – Análisis del concepto de sociabilidad en las Ciencias Sociales. *Revista ABRA – Revista de la Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Nacional*. 51 (2015) 1-12.

4 Usámos o termo no sentido histórico mais convencional, aplicado aos movimentos religiosos reformadores do século XVI que se difundiram por vários países europeus. Em contextos cronológicos posteriores, nomeadamente no século XIX, quer este substantivo, quer o termo «evangélico» foram utilizados, com pequenas *nuances*, praticamente como sinónimos.

5 Veja-se, como síntese recente, SILVA, António Manuel S. P. – A reforma protestante em Portugal: dos percursos aos finais da monarquia. In *A Reforma aos 500 anos (1517-2017)*. Porto: Fundação SPES, 2018, p. 175-249.

espalhavam pela Europa, assim como qualquer dúvida ou vaga crítica à prática católica ou, mesmo, a proximidade aos textos de Erasmo ou outros humanistas mais lúcidos na percepção da sociedade do seu tempo.

A vigilância sobre a introdução no país de ideias religiosas suspeitas ou heterodoxas realizava-se a vários níveis socioculturais, nomeadamente pelo controle da imprensa, sujeitando-se a exame prévio qualquer edição feita em Portugal e confrontando regularmente com o *Index* de livros proibidos as publicações chegadas nos navios, disponíveis nos livreiros ou conservadas em bibliotecas particulares ou conventuais<sup>6</sup>. A posse de literatura defesa era equiparada à manifestação de opiniões duvidosas em matéria religiosa ou de costumes, e por denúncias que hoje em dia teríamos como quase pueris, foram censurados, processados ou presos, importantes vultos da cultura e da ciência, como Gil Vicente, Damião de Góis, o cronista Fernão de Pina, o gramático Fernão de Oliveira e vários dos distintos professores, portugueses e estrangeiros, que o rei D. João III foi buscar a França em 1547, entre muitos outros que a historiografia documentou a partir dos processos do Santo Ofício<sup>7</sup>. Mas a atenção inquisitorial era omnipresente e transversal a toda a sociedade, como pode ver-se pelos milhares de processos que envolveram camponeses, oficiais mecânicos, criados ou comerciantes, tanto portugueses como estrangeiros, em relação aos quais as denúncias de vizinhos ou familiares sugeriam um menor zelo religioso como sinónimo de eventuais simpatias heterodoxas<sup>8</sup>.

Os poucos casos de portugueses que publicamente se assumiram protestantes registam-se já nos séculos XVII e XVIII e sempre além-fronteiras, como o conhecido João Ferreira de Almeida (1628-1691)<sup>9</sup>, pastor da igreja reformada holandesa na ilha de Java e primeiro tradutor da Bíblia em língua portuguesa ou, mais tarde, a interessante figura de Francisco Xavier de Oliveira (1702-1783)<sup>10</sup>, autor de grande influência literária em Portugal e que em Inglaterra se fez anglicano. Todavia, desde o século XVII, por estratégia económica ou conveniência política, foram sendo concedidos às comunidades estrangeiras estabelecidas em Lisboa e noutras cidades alguns direitos de culto, sempre em ambiente rigorosamente controlado (nas próprias casas ou consulados e nas línguas originais, sem o envolvimento de portugueses ou qualquer expressão pública), privilégios que sofreram numerosos

6 Bettencourt, Francisco – *História da Inquisição: Portugal, Espanha e Itália*. Lisboa: Circulo de Leitores, 1994, p. 173-180.

7 SILVA – A reforma protestante, p. 184-204, com bibliografia.

8 SILVA – A reforma protestante, p. 210-214, *passim*.

9 Cf. ALVES, Herculano – *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*. Lisboa: Sociedade Bíblica, 2007; FERNANDES, Luís H. M. – *Diferença da Cristandade. A controvérsia religiosa nas Índias Orientais holandesas e o significado histórico da primeira tradução da Bíblia em português (1642-1694)*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em <http://www.teses.usp.br>.

10 Cf., por exemplo, RODRIGUES, António G. – *O protestante lusitano: Estudo biográfico e crítico sobre o cavaleiro de Oliveira, 1702-1783*. Coimbra, 1950.

atropelos e interrupções, mas que possibilitaram que luteranos e anglicanos tivessem a assistência de capelães e pudessem dispor, desde o século XVIII, de cemitérios próprios e, mais tarde, templos para os seus cultos<sup>11</sup>.

As propostas protestantes só tiveram expressão em Portugal, com muitos constrangimentos e limitações, nas primeiras décadas do século XIX. Não é possível aqui detalhar o quadro político, social e cultural que sustentou tal alteração<sup>12</sup>, mas alguns factos foram determinantes. O desenvolvimento da ideologia liberal e a crise do *Ancien Régime* levaram à revolução de 1820 e à instalação de uma monarquia constitucional. Logo no ano seguinte, foram extintas a Inquisição e a censura prévia das obras literárias, os dois principais instrumentos que durante quase trezentos anos tinham praticamente isolado o país, não só em matéria religiosa como em outras áreas da cultura e do conhecimento. Por outro lado, materializando um arraigado espírito anticlerical<sup>13</sup>, que levava, por exemplo, à expulsão da Companhia de Jesus (1759), as primeiras décadas do governo liberal traduziram-se por um feroz ataque ao poder e privilégios da Igreja Católica, de que foi peça essencial o decreto que determinou a extinção dos conventos e a nacionalização dos bens da Igreja (1834)<sup>14</sup>.

Outro fator que terá concorrido para a maior abertura da sensibilidade religiosa foi a presença de contingentes de militares estrangeiros, de várias nacionalidades, em dois ciclos fundamentais da conjuntura histórica da época: a invasão do território pelas tropas napoleónicas na guerra peninsular (1807-1814) e a guerra civil de 1828-1834. Por razões próprias, mas também em relação com estas circunstâncias, certas sociedades missionárias anglo-saxónicas manifestaram interesse por Portugal como alvo de evangelização, devendo destacar-se o papel da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, fundada em 1804, que desde 1809 começa a difundir edições da Bíblia em língua portuguesa<sup>15</sup>.

Neste cruzamento de realidades sociais, religiosas e políticas – o conflito entre a ideologia liberal e os poderes tradicionais; a ação missionária de estrangeiros, apoiada por sociedades internacionais; a progressiva difusão da Bíblia em vernáculo

11 SILVA – A reforma protestante, p. 214-216, com bibliografia.

12 SILVA, António Manuel S. P. – A Igreja Lusitana e o Republicanismo (1880-1910): convergências e expectativas do discurso ideológico. In *A Vida da República Portuguesa 1890-1990*. Vol. 2. Lisboa: Cooperativa de Estudos e Documentação, 1995, p. 739-756; NETO, Vítor – *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*. Lisboa: IN-CM, 1998; SANTOS, Luís Aguiar – A transformação do campo religioso português. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *História Religiosa de Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 419-491; LEITE, Rita Mendonça – *Representação do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea. Da Exclusão à Liberdade de Cultos (1852 – 1911)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2009.

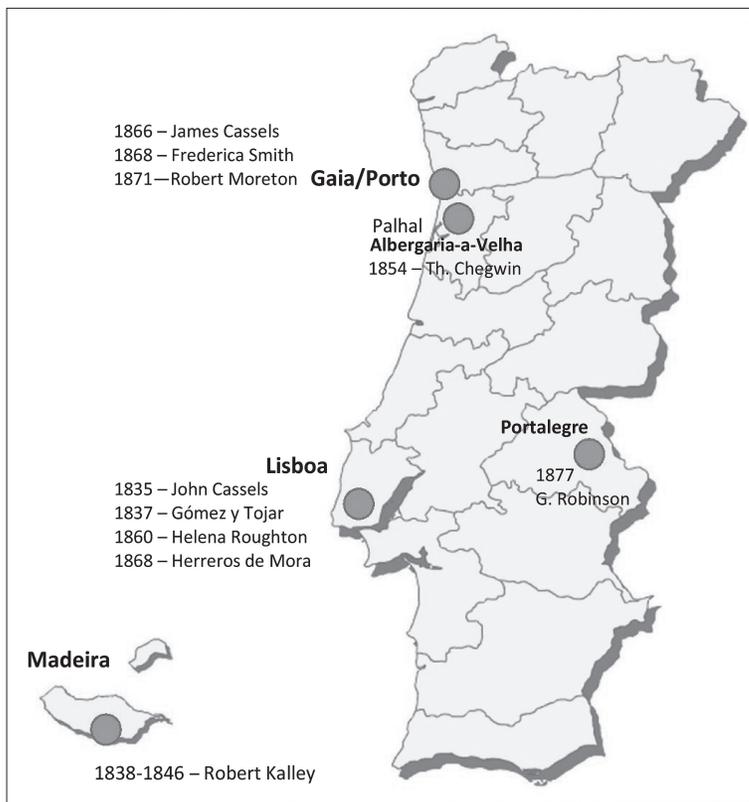
13 ABREU, Luís Machado de – *Ensaio Anticlericais*. Lisboa: Roma Editora, 2004.

14 SILVEIRA, Luís Espinha da – A venda dos bens nacionais. *Análise Social*. 61-62 (1980) 87-110.

15 LEITE, Rita Mendonça – *Livro, Texto e Autoridade. Diversificação religiosa com a Sociedade Bíblica em Portugal (1804-1940)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2019.

e a curiosidade e abertura intelectual de alguns setores da sociedade mais instruídos – devem situar-se as primeiras experiências de culto evangélico dirigido a portugueses. Não sem grandes dificuldades, recorde-se, pois, a Carta Constitucional de 1826, que vigorou até aos finais da Monarquia, continuou a considerar o Catolicismo Romano como religião oficial do País e, se bem que garantisse o princípio da liberdade de consciência, interditava aos portugueses o culto de outras religiões, restrições que o Código Penal complementava<sup>16</sup>. Na prática, constituíam práticas ilegais as manifestações públicas do culto reformado, a pregação ou a simples venda e difusão dos textos sagrados em língua portuguesa, pelo facto de serem editados por uma sociedade protestante.

Recordemos brevemente – para enquadramento do leitor menos informado dos aspetos historiográficos – algumas datas e os protagonistas dos principais movimentos que levaram à implantação do protestantismo em Portugal (Fig. 1).



**Fig. 1** – Génese dos principais movimentos protestantes portugueses no século XIX (adaptado de SILVA – *Igreja Lusitana: breve história*).

<sup>16</sup> SILVA – A Igreja Lusitana e o Republicanismo, p. 741-742; LEITE – *Representação do Protestantismo*, p. 16.

As primeiras manifestações de cristianismo acatólico tiveram lugar na capital. Em 1835, um negociante inglês, John Cassels, contribuiu para a instalação de uma escola regular e inicia uma «escola dominical», aparentemente apenas para crianças inglesas. Em 1837, Vicente Gómez y Tojar, um sacerdote espanhol que fugira de Espanha por sustentar ideias liberais e, entretanto, fora admitido na confissão anglicana, funda uma capela, onde reúne uma congregação de estrangeiros e portugueses, ativa até 1870. Ainda na década de 1830, um importante movimento teve lugar na Madeira, com a chegada à ilha, em 1838, de Robert Reid Kalley, médico e pastor presbiteriano escocês. Além de importante ação assistencial, as pregações de Kalley levaram à constituição de uma significativa comunidade reformada, o que suscitou a reação conjugada das autoridades civis e religiosas, que induziram a população, largamente tradicionalista e iletrada, a perseguição quase sem precedentes na história portuguesa, interrompendo-se a experiência protestante naquela ilha atlântica com a fuga de Kalley e alguns milhares de “calvinistas” madeirenses para o continente americano, em 1846<sup>17</sup>.

No norte do País, a chegada de um engenheiro metodista inglês às minas de cobre do Palhal (Albergaria-a-Velha), em 1854, levou a que durante cerca de 25 anos aí se estabelecessem «classes» de oração e estudo bíblico, dirigidas essencialmente aos trabalhadores britânicos da mina e apoiadas, a partir de 1871, por ministros da igreja metodista, que nesse ano se organizou em Portugal<sup>18</sup>.

Na década de 1860, tanto em Lisboa como no Porto, desenvolveram-se novos movimentos, tanto por iniciativa de leigos, como de clérigos, que visavam a «expansão do Evangelho» e de novas formas de culto entre os naturais. Entre os missionários protestantes contam-se Robert Stewart, pastor presbiteriano escocês, que virá a estar na origem de uma comunidade daquela sensibilidade em Lisboa<sup>19</sup>, e Angel Herreros de Mora, um padre espanhol com percurso algo similar ao do seu antecessor Gómez y Tojar, recebido igualmente na comunhão episcopal, que desembarca em Lisboa em 1867, vindo dos Estados Unidos da América, para desenvolver trabalho evangelístico. Herreros de Mora implantou uma congregação de rito episcopal, notável, entre outros aspetos, por ter acolhido um conjunto de padres que se haviam afastado da Igreja Católica, em discordância com decisões do Concílio

17 TESTA, Michael P. – *Robert Reid Kalley, O Apóstolo da Madeira*, 2ª edição (1ª ed.: 1963). Lisboa: Comissão Executiva da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, 2005; FERNANDES, Ferreira – *Madeirenses errantes*. Lisboa: Oficina do Livro, 2004.

18 ASPEY, Albert – *Por este caminho. Origem e progresso do Metodismo em Portugal no Século XIX. Umhas páginas da história da procura da liberdade religiosa*. Porto: Igreja Evangélica Metodista em Portugal, 1971; SILVA, António Manuel S. P. – *O protestantismo em Albergaria-A-Velha: um metodista no Palhal há 160 Anos. Albergue. História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*. 3 (2016), 33-52.

19 SANTOS, Luís Aguiar – Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 411-412; VALENTE, David – Igreja Evangélica Presbiteriana em Portugal: contributo para a história da sua formação. *Lusitania Sacra*. 2ª série. 16 (2004) 477-510.

Vaticano I e com as proposições do *Syllabus Errorum* (1864)<sup>20</sup>. Esta comunidade, assim como parte dos sacerdotes que se haviam associado ao presbítero espanhol, viriam a estar ligados, em finais da década de 70, à fundação da Igreja Episcopal Reformada em Portugal, pouco tempo depois formalizada como Igreja Lusitana<sup>21</sup>.

Na região portuense, o movimento de maior impacte e longevidade foi liderado por James (Diogo) Cassels a partir de 1866. Iniciado, à semelhança de todos os outros, pela constituição de um grupo regular de oração e estudo bíblico, rapidamente levou à instalação de uma escola diária e, em especial, de um templo, em 1868, certamente o primeiro edifício religioso construído de raiz para a prática religiosa protestante de portugueses. Ao mesmo tempo que erguia as paredes do templo, o jovem Diogo Cassels era processado e levado a tribunal pelo crime de desrespeito e injúrias à religião do Estado, tendo sido condenado a deportação, pena posteriormente comutada em recurso. A capela e escola do Torne desenvolveram-se de forma exponencial, primeiro com o apoio da Sociedade Wesleyana, de Londres, e a partir de 1880 em ligação com os episcopais da Igreja Lusitana, sobrevivendo à morte do fundador (1923) e permanecendo hoje como uma das paróquias históricas da Igreja Lusitana<sup>22</sup>.

Em 1871 chegou ao Porto, a pedido de Cassels, o pastor metodista inglês Robert H. Moreton, responsável pelo estabelecimento desta confissão em Portugal, com base na Igreja do Mirante, construída no Porto em 1877; mas já no ano anterior, em Lisboa, o rev. Robert Stewart, em colaboração com o pastor português António de Matos (um dos foragidos da Madeira, com Kalley) reorganizara a Igreja Presbiteriana, que é assim a igreja protestante portuguesa de fundação mais antiga ainda em atividade. Na mesma década, organizam-se em Lisboa comunidades congregacionais e dos “Irmãos”, e mais tarde (1888) lançam-se no Porto as bases da primeira igreja Baptista<sup>23</sup>.

20 SILVA – A Igreja Lusitana e o Republicanismo, p. 743-744; AFONSO, José António; SILVA, António Manuel S. P.; LACERDA, Silvestre; PEIXOTO, Fernando – Angel Herreros de Mora. Um expoente da convergência ibérica na implantação do anglicanismo peninsular. *Anales de Historia Contemporánea*. 21 (2005) 383-408.

21 SANTOS, Luís Aguiar – A primeira geração da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (1876-1902). *Lusitania Sacra*. 2ª Série. 8-9 (1996-1997) 299-360; SILVA, António Manuel S. P. – *Igreja Lusitana: uma breve história*. V. N. Gaia: Instituto Anglicano de Estudos Teológicos; Arquivo Histórico da Igreja Lusitana, 2020.

22 PEIXOTO, Fernando – *Diogo Cassels, uma vida em duas margens*. V. N. Gaia: Câmara Municipal, 2001; SILVA, António Manuel S. P. – *Torne: um lugar na História (1868-2018)*. V. N. Gaia: Arquivo Histórico da Igreja Lusitana, 2018.

23 A bibliografia sobre o protestantismo oitocentista português é muito vasta, podendo encontrar-se uma síntese atualizada em SILVA – *A reforma protestante em Portugal*. Podem também consultar-se, numa perspetiva transversal, os trabalhos históricos de CASSELS, Diogo – *A Reforma em Portugal. A historia resumida, já publicada na «Egreja Lusitana» nos anos de 1897 e 1898, revista, aumentada (...)*. Porto, 1908 [reed. em 2018]; BARRETO, José M. – *Introdução da Reforma em Portugal. Extracto da conferência realizada na União Christã Evangélica da Mocidade Portuguesa*. Lisboa, 1901; MOREIRA, Eduardo H. – *Notas históricas sobre a origem das Igrejas Evangélicas em Portugal*. Braga, 1913; MOREIRA, Eduardo H. – *Vidas Convergentes. História breve dos movimentos de reforma cristã em Portugal a partir do século XVIII*. Carcavelos: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1958. Entre os mais modernos apontamos CARDOSO, Manuel P. – *Por Vilas e Cidades. Notas para a história do protestantismo em Portugal*. Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia, 1998 e SANTOS, Luís Aguiar – *Protestantismo*. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. P-V. Apêndices. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, p. 75-85.

## 2. Os movimentos associativos juvenis protestantes no séc. XIX e o Esforço Cristão

O século XIX foi propício ao despoletar de soluções organizativas ou dispositivos de enquadramento da juventude<sup>24</sup> no quadro das igrejas evangélicas, no contexto do chamado *Revival*, ou despertamento missionário, que invocava a urgência da reconversão dos crentes e a evangelização dos não-crentes. Pode destacar-se, pelo seu notável impacto, a *Young Men's Christian Association (YMCA)*<sup>25</sup>, fundada em Londres, em 1844, com objetivos iniciais de ministrar aos jovens operários urbanos uma educação integral, promovendo o evangelismo, em particular através de estudos bíblicos e oração, e disponibilizando espaços de sociabilidade alternativos<sup>26</sup>. As Uniões Cristãs portuguesas, estabelecidas em 1891, subscreveram a designada *Declaração de Fé de Paris* (1855), que preconizava que a missão das Uniões era a de «unir, entre as gentes novas, os que considerando Jesus Cristo como seu Deus e Salvador segundo as Escrituras Sagradas (...) e trabalhar juntos pela extensão do reino do Senhor entre a Mocidade»<sup>27</sup>. Em 1855, foi criada a Aliança Mundial de Associações Cristãs, existindo já então cerca de 400 associações em sete países, com um total de mais de 30 mil membros<sup>28</sup>.

Distinto da YMCA é o Esforço Cristão (*Christian Endeavor Society*), fundado em 1881, em Portland, EUA, pelo pastor evangélico canadiano Francis E. Clark, com objetivos muito precisos:

*«In this Covenant the first Endeavourers promised some things that are no easy, but that are very good to do – to read the Bible and pray Every Day; to come to the meetings Every Week, whether they felt like or not; to have a special meeting Every Month to remember what they had promise and remind each other to keep on trying; and to do what they could to please the Lord Jesus Christ as their Saviour and Master»*<sup>29</sup>.

24 Um exemplo, sustentado na longa duração e geograficamente delimitado, encontra-se em LANUSSE-CAZALÉ, Helène – *Protestants et protestantisme dans le Sud aquitain (1802-1905). Espaces, réseaux et pouvoirs*. 2 Tomes. Tese de doutoramento. Pau: Université de Pau et des Pays de l'Adour, 2012.

25 Em Portugal, Uniões Cristãs da Mocidade (UCM) e, posteriormente, Associação Cristã da Mocidade (ACM). Cf. CAVACO, Timóteo – *O associativismo cristão para além das fronteiras confessionais: limites e relevância*. In FERREIRA, A. M.; ALMEIDA, J., coord. – *Religião e Cidadania. Protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, 2011, p. 612-613.

26 Cf. para uma visão global, WINTER, Thomas – *Making Men, Making Class. The YMCA and Workingmen, 1877-1920*. Chicago: University Press, 2002 e, numa perspetiva internacional, FISCHER-TINÉ, Harald; HUEBNER, Stefan; TYRRELL, Ian, eds. – *Spreading Protestant Modernity Global Perspectives on the Social Work of the YMCA and YWCA, 1889–1970*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2021.

27 Arquivo Histórico da Igreja Lusitana (AHIL) – Paróquia do Redentor: *Estatutos da União Christã da Mocidade do Bomfim*, s.d. [c. 1898].

28 Uma visão global encontra-se em AFONSO, José António – *Uma sondagem às influências inglesas no modelo de educação popular dos movimentos protestantes portugueses (séculos XIX e as duas primeiras décadas do século XX) – as Escolas Dominicais, as Associações Cristãs da Mocidade e o Escotismo*. In HERNÁNDEZ DIAZ, J. M., coord. – *Influencias Inglesas en la Educación Española e Iberoamericana (1810-2010)*. Salamanca: Hergar Ediciones Antena, 2011, p. 567-578.

29 STREET, M. Jennie – *J. S. C. E. A Story for Boys and Girls of World-Wide Friendship and Service*. London: The Christian Endeavour Book Room, s. d., p. 8.

Francis Clark esclarecia, no Prefácio à 1ª Edição do *British Manual of Christian Endeavour*<sup>30</sup>, que as Sociedades deveriam estabelecer «principles and methods, founded on Biblical truths, which account for the rise and progress of Christian Endeavour, and which principles and methods, when adhered to, assure it success»<sup>31</sup>.

Entre 1888 e 1903, Clark viaja pela Europa, Índia, África, China, Japão, Sibéria, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul, disseminando, em concorridos *meetings*, os princípios estruturantes do Esforço Cristão. O movimento desenvolveu-se na Europa entre 1887 e 1889, estabelecendo-se sociedades em Inglaterra, País de Gales, Irlanda, França, Suíça, Alemanha, Itália, Escócia, Espanha, Bulgária e Rússia, e, entrado já o século XX, também na Hungria, Portugal, Áustria, Boémia (República Checa), Suécia, Noruega, Finlândia e Países Baixos<sup>32</sup>.

Em 1887, surgem os canónicos logotipos e o mote: *For Christ and The Church*, como traços identificadores dos membros das Ligas em qualquer continente<sup>33</sup>. A Convenção Mundial de Genebra, em 1906, marca o nascimento da União Europeia das Sociedades, contabilizando-se então 67 000 sociedades em todo o mundo, com cerca de quatro milhões de jovens de ambos os sexos. Em 1922, em São Paulo, Brasil, realiza-se a Convenção Pan-Americana do Esforço Cristão, balizando ainda o começo de estruturas federativas das organizações do Esforço Cristão. Entre 1882 e 1993 realizaram-se 62 Convenções Internacionais, e entre 1896 e 2014 organizaram-se 27 Convenções Mundiais, para além das Convenções Europeias, iniciadas em 1904, e as Convenções de cada país. Dados de 2015 indicam a existência de 80 000 sociedades por todo o mundo, mobilizando 20 milhões de jovens<sup>34</sup>.

Com a expansão do movimento, a dimensão burocrática ganha consistência e as dinâmicas organizacionais tornam-se mais padronizadas, tendentes a homogeneizar práticas e compaginar objetivos transversais ao espectro religioso das diversas denominações. Na esfera das igrejas locais e nacionais, as sociedades articulam-se com outras organizações, nomeadamente as Escolas Dominicais<sup>35</sup>,

30 POLLOCK, John – *The British Manual of Christian Endeavour. A Textbook of Principle and Practice*. Preface by Rev. Francis E. Clark (Founder of the Movement, President of the World's Union). 3<sup>rd</sup> Edition (1<sup>st</sup> ed.: 1916). London: The Christian Endeavour Union of Great Britain and Ireland, 1923.

31 POLLOCK – *The British Manual of Christian Endeavour*, p. V.

32 HULL, Brian C. – *A Brief Overview of the Christian Endeavor Society*. Wilmore, Kentucky: First Fruits Press, 2019. Sobre o aparecimento das sociedades de EC, vejam-se DANIELSON, Robert A. – *A History of the Floating Societies of the Christian Endeavor*. Wilmore, Kentucky: First Fruits Press, 2014 e OTTEWILL, Roger – *The Early Years of the Christian Endeavour Movement: Innovation and Consolidation at a Local Level, 1881–1914*. *Studies in Church History*, Vol. 57: Inspiration and Institution in Christian History (June 2021) 300–317. <https://doi.org/10.1017/stc.2021.15>.

33 DANIELSON – *Badges of the International*, p. 29ss.

34 DANIELSON – *Badges of the International*, p. 25ss.

35 Escola Dominical (*Sunday School*) é a principal designação, nos contextos protestantes e evangélicos, para a catequese regular de crianças, jovens e adultos.

procurando a salutar vivificação bíblica<sup>36</sup>. Por outro lado, as sociedades de Esforço Cristão (EC) promovem um espírito interdenominacional<sup>37</sup>, ancorado no seu inabalável *motto*, enquanto forma de cada crente reforçar os vínculos à igreja ou denominação, pela aceitação da sua história, do testemunho e do empenho prático nas suas obras. É, justamente, uma lealdade visível, disciplinada, responsável e cooperadora que se pretende fomentar, declinada psicológica, ética e economicamente como comportamento individual (temperança) e como mecanismo de inserção social<sup>38</sup>.

Pela literatura, pelo estudo, pelo envolvimento social e pela formação dos seus membros<sup>39</sup>, as sociedades preconizam o combate a tudo o que afete «*the social well-being of the people*»<sup>40</sup>, advogando as causas da moralização e da reforma social. Tendo perfeitamente claro que a questão social é uma questão moral, o EC defende uma perspetiva de sociabilidade global, e não difusa<sup>41</sup>, como “barómetro” da Igreja. É essencialmente por um trabalho de autoeducação (*self-help*, enquanto *self-government* educativo<sup>42</sup>) que se procura alcançar o ideal de uma vida regrada<sup>43</sup>, matriz exemplar para que uma sociedade se desenvolva vigorosa e com futuro. Estas energias individuais são um antídoto para os «perigosos círculos de sociabilidade», que criam a ilusão de uma pluralidade de morais ou de justiças. O lento, mas seguramente profícuo, trabalho de transformação individual configurará um homem trabalhador, praticante de desportos e alimentado de forma sã; um homem que, repudiando todos os excessos, é higiénica, moral e fisicamente um indivíduo melhorado; em síntese: um indivíduo com «amor pela humanidade, amor e respeito por si, amor por aquele que se ama»<sup>44</sup>. É nesta convicção que as sociedades de EC e outros organismos das igrejas<sup>45</sup> denodadamente labutam, para expandir a fé cristã, a fraternidade e a solidariedade.

36 POLLOCK – *The British Manual of Christian Endeavour*, p. 78.

37 POLLOCK – *The British Manual of Christian Endeavour*, p. 80.

38 POLLOCK – *The British Manual of Christian Endeavour*, p. 46, 49.

39 POLLOCK – *The British Manual of Christian Endeavour*, p. 48.

40 WELLS, Amos R. – *Social Evenings. A Collection of Pleasant Entertainments for Christian Endeavour Societies and the Home Circle*. New York: Fleming H. Revell Company, 1894, p. 2; cf. ELLIS, J., comp. – *Gospel Seed for Busy Sowers*. Introductory Note by Rev. Mark Guy Pearse. London: Morgan and Scott, s. d., p. 97-107.

41 MEURON, A de – *L'Education de La Pureté*. Genève: J.-H. Jeheber, Editeur, 1897, p. 57; DUBOI, Dr. – *De l'influence de l'esprit sur le corps*. Paris: Masson & Cie., 1902, p. 83-90.

42 Cf. BRIDEL, Philippe – *L'Aspiration Humaine et la Foi Chrétienne*. Saint-Blaise: Foyer Solidariste, 1911.

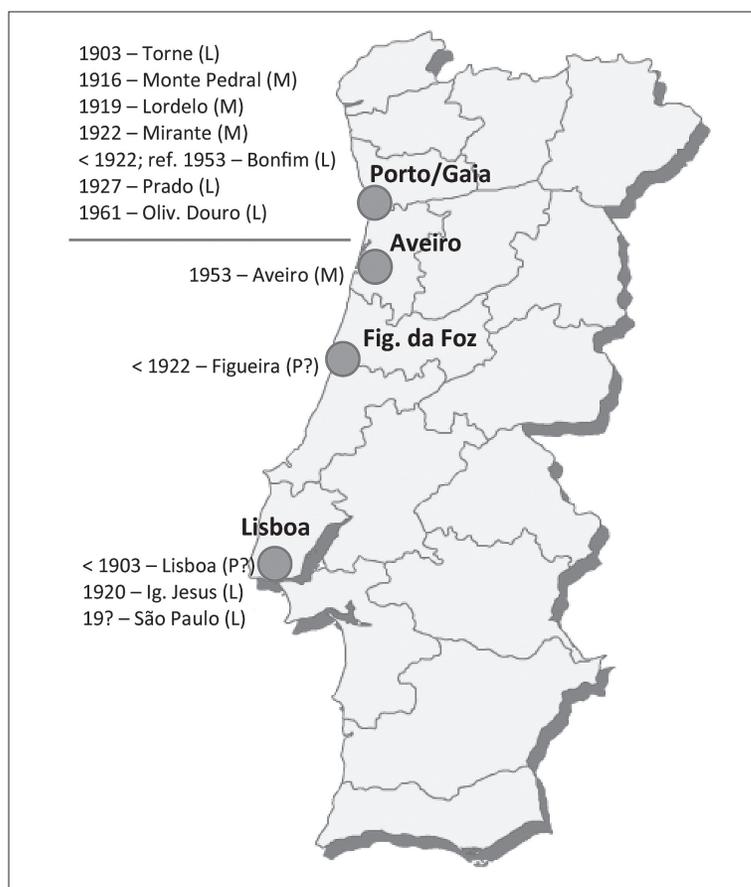
43 Cf. GOOD, Paul – *Hygiène et Morale. Etude dédée aux jeunes gens*. Saint-Etienne: Bureau du Relèvement Social, 1900.

44 GOOD – *Hygiène et Morale...*, citado em AFONSO – *Protestantismo e Educação*, p. 265.

45 As Sociedades do Esforço Cristão assumiram-se desde a sua criação como associações dirigidas a todas as idades e ambos os sexos. Tal não impede a articulação com as Escolas Dominicais e com as Uniões Cristãs da Mocidade, nem com um conjunto de valores veiculados nas Escolas Diárias (elementares). Cf. MACFARLAND, Henry B. F. – The Christian Endeavor Movement. *The North American Review*. 182: 591 (Feb. 1906) 194- 203, <https://www.jstor.org/stable/25105522>, e para a articulação com as Escolas Dominicais, BELSEY, F. – *The Sunday School Red Book. A Manual of Instruction and Advice for Superintendents*. 2<sup>nd</sup> ed. London: The Sunday School Union, 1907, p. 56 ss e 77-82.

### 3. O Esforço Cristão em Portugal – das origens aos movimentos federativos

Em Portugal, os alvores das sociedades de EC datam de 1903, tendo-se concentrado essencialmente nas Igrejas Lusitana, Metodista e Presbiteriana, e tendo em Diogo Cassels uma das principais figuras na introdução e dinamização do movimento dos «*esforçadores*». Em Vila Nova de Gaia fundou-se o primeiro grupo<sup>46</sup>, expandindo-se o movimento a outras comunidades evangélicas, com particular incidência nas congregações metodistas e lusitanas do Porto e Gaia, mas também na região de Lisboa, Aveiro, Figueira da Foz e outras localidades (Fig. 2).



**Fig. 2** – Sociedades do Esforço Cristão em Portugal e respetivas confissões. Legenda: L – Igreja Lusitana; M – Igreja Metodista e P – Igreja Presbiteriana (infografia dos autores).

46 No jornal *A Igreja Lusitana*, de 15 de janeiro de 1903, Cassels informa que estava em organização aquela Liga, destinada a indivíduos de ambos os sexos, com mais de 12 anos de idade (<https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/295646/?>). Ver também AFONSO – *Protestantismo e Educação*, p. 265.

Em Gaia realizou-se, entre 22 e 24 de abril de 1922, o Primeiro Congresso promovido pelo Comité Nacional de Esforço Cristão, reunindo as sociedades de Lisboa, Porto, Figueira da Foz e V. N. Gaia<sup>47</sup>. No evento esteve presente Ernest Sauvin, secretário europeu do Comité Internacional, com sede na Suíça. Nos debates, venceu-se fundamentalmente a dimensão espiritual das sociedades e o valor do EC na vida da Igreja, tendo neste evento sido estabelecidos os Estatutos e Regulamento da Aliança Nacional do Esforço Cristão.

Os Estatutos, compostos por apenas dois Artigos, reiteravam que

«as Ligas ou Sociedades do Esforço Cristão são agrupamentos de pessoas, independentemente de idade ou de sexo, ligadas a uma Igreja Evangélica (...), que têm por principal atividade o desenvolvimento espiritual dos seus membros pelo estudo mútuo das Sagradas Escrituras e pela oração, e que trabalham para o progresso do Reino de Deus, tendo por divisa: *por Cristo e Sua Igreja*» (Artº 1º),

e que as sociedades, naturalmente, se filiariam nos movimentos federativos nacionais e internacionais (Artº 2º)<sup>48</sup>. Os Regulamentos, por sua vez, compõem-se de seis Artigos, onde se especifica a constituição da Aliança Nacional, a designação do «corpo administrativo» e os elementos do Comité Nacional (Artº 1º e 2º); são descritas as condições de admissão de novas Ligas ou Sociedades, sublinhando-se a autonomia (Artº 3º e 4º) e as inerentes atribuições (Artº 5º) da Aliança<sup>49</sup>.

Retenham-se, como exemplo, os Estatutos da Sociedade do Esforço Cristão do Mirante (metodista), criada em 1919 mas só regulamentada em 1922, por ocasião da fundação do Comité Nacional do Esforço Cristão Português, que declaram que o seu «fim principal será promover o desenvolvimento espiritual dos seus sócios pelo estudo das Sagradas Escrituras (...)» (Art.º 1.º), especificando-se, no Art.º 2.º, que a sociedade «poderá subdividir-se em várias secções (...) para melhor se adaptar às diferentes idades dos seus sócios (...)»<sup>50</sup>.

O Segundo Congresso decorreu também em V. N. Gaia, em março de 1924, não tendo produzido alterações significativas na orgânica associativa. Evocada a memória e exemplo de Diogo Cassels, entretanto falecido, dos debates emergiu uma ideia, enunciada com vigor por um dos participantes: «Se o nosso cristianismo

47 Primeiro Congresso Nacional das Sociedades e Ligas do Esforço Cristão, *A Luz e Verdade*. 17:3-4 (1922) 5-6; Congresso do Esforço Cristão, *Portugal Evangélico*. 2:20-21 (1922) 5-7.

48 *A Luz e Verdade*, p. 5.

49 *A Luz e Verdade*, p. 5-6.

50 Esforço Cristão do Mirante. Estatutos e Regulamentos, *Portugal Evangélico*. 24:289 (1944) 2-4. Os Estatutos ocupam a p. 2 e o Regulamento, de 1944, ocupa as páginas 2 a 4.

é apenas para nós, sem o transmitirmos aos outros, não temos a essência do cristianismo e, portanto, não temos cristianismo nenhum»<sup>51</sup>.

Paulatinamente, a missão das Ligas de EC, vai sendo consolidada, reiterando-se a necessidade de preparar doutrinamente melhor os seus membros, visando institucionalizar um método de educação cristã e autodisciplina, como sintetizou o *esforçador* Agostinho Arbiol<sup>52</sup>, que recordava a sua experiência dizendo que os «assistentes [às reuniões do EC] começaram por ler a Bíblia, e não tardou que o seu desejo fosse aplicar o ensino desse versículo às suas vidas»<sup>53</sup>, acentuando que: «a principal característica do Esforço Cristão consiste na colaboração com Cristo. (...) Cristo é a fonte donde dimana a água da vida. O esforçador deve ajudar a encontrá-la aos que não a conhecem»<sup>54</sup>. Nesta perspetiva, Arbiol sublinha que as Ligas querem integrar os jovens «na vida das Igrejas, prepará-los para o serviço de Cristo e Sua Obra, e dirigi-los em todos os caminhos de atividade humana ao serviço de Deus e dos homens»<sup>55</sup>.

Em 1959 é criada a União Portuguesa do Esforço Cristão (UPEC), sediada no Porto, no edifício da Associação Cristã da Mocidade. Os Estatutos ilustram na perfeição a filiação às diretrizes internacionais e, naturalmente, determinam o seu modo de funcionamento e orgânica, renovando a instituinte matriz cultural. Passado um ano, tem lugar no Porto e em Gaia a 1.<sup>a</sup> Convenção da UPEC, seguindo-se, em 1963, a 2.<sup>a</sup> Convenção, com sessões no Porto, Gaia e Aveiro. Estes eventos permitiram intensos momentos de reflexão, solidificando os laços entre as sociedades portuguesas e os representantes internacionais, que renovaram a sua solidariedade para com as congéneres lusas. Neste começo da década de 1960, as Ligas ou Sociedades noticiadas eram oito – Liga do Esforço Cristão de Gaia (fundada em 1903); Sociedades do Esforço Cristão do Monte Pedral (1916), de Lordelo (1919), Mirante (1922), Prado (1927), Bonfim (1953) e de Aveiro (1953); e ainda o Departamento do Esforço Cristão da Igreja Lusitana de Cristo, em Oliveira do Douro, V. N. Gaia (1961) (Fig. 2). Sumariamente, nota-se que sete Ligas estavam concentradas no Porto e em Vila Nova de Gaia, e apenas uma em Aveiro; quatro constituíram-se nas primeiras duas décadas do século; e três foram fundadas após os meados do mesmo século XX, destacando-se a longevidade da pioneira Liga do Esforço Cristão de Gaia, dinamo do movimento do EC em Portugal.

51 Reunião Geral do Esforço Cristão, *Jornal Evangélico*. 15 (1924) 4; ver, também, Esforço Cristão. Reunião Magna, *Portugal Evangélico*. 4:43 (1924) 4.

52 Agostinho Arbiol (1903-1977) foi presbítero da Igreja Lusitana.

53 AHIL – Agostinho Arbiol: [*Mensagem Lida na 1ª Convenção do Esforço Cristão, Sessão de 1 de Fevereiro de 1960 no Salão Paroquial da Igreja de S. João Evangelista*], dat., s.d. [c. 1960], p. 4.

54 AHIL – Agostinho Arbiol, p. 4.

55 AHIL – Agostinho Arbiol, p. 2.

#### 4. Uma memória da Sociedade do Esforço Cristão do Prado (V. N. Gaia)

Na Capela do Prado<sup>56</sup> esteve instalada, entre 1901 e 1904, a União Cristã da Mocidade de Vila Nova de Gaia, criada por Cassels com base no espírito das Uniões Cristãs da Mocidade, e responsável por diversas atividades, entre as quais aulas noturnas para adultos<sup>57</sup>, constituindo esta pioneira experiência uma singular manifestação de cooperação entre as comunidades episcopais em Vila Nova de Gaia.

Em 1924, o Rev. Augusto Nogueira, ministro da igreja, organizou uma Liga Juvenil, à semelhança da que já existia na igreja do Torne, a qual, um contemporâneo afirma seguir já o espírito do Esforço Cristão<sup>58</sup>. A Liga era dirigida por jovens da comunidade e a sua ação, conjugando a educação, a evangelização e o lazer, traduzia-se particularmente pela realização de passeios, usualmente pedestres e que serviam para confraternização e testemunho cristão. Devido a problemas circunstanciais, a Liga acabou por extinguir-se, sendo substituída em 1927 pela União Cristã da Escola do Prado, entidade idêntica, nos princípios e atividades, à anterior, a qual, em 1930, passou a designar-se como Grémio Evangélico do Prado e, mais tarde, por Esforço Cristão do Prado, organização que chegou aos nossos dias<sup>59</sup>.

Não obstante a assumida filiação destas primeiras associações juvenis da igreja e escola do Prado ao espírito do Esforço Cristão, os *Estatutos do Grémio Evangélico do Prado* não o deixam totalmente claro. Segundo este documento, aprovado em assembleia geral de 1 de fevereiro de 1931, o Grémio era «uma agremiação evangélica», com sede na escola do Prado formada por duas classes de sócios, adultos (maiores de 16 anos) e infantis. Esta associação adotou como divisa *Servir a Deus, recrear e instruir*, lema traduzido, de forma tripartida, pela obrigação dos sócios de assistência ao culto público e aos estudos bíblicos, pela realização de um «passeio de confraternização» anual e «festas íntimas e recreativas», pela manutenção de uma biblioteca e organização de conferências. Particular ligação aos fins do Esforço Cristão expressa-se no parágrafo único do mesmo artigo 2º dos Estatutos, que estabelece que:

«Tanto o Grémio coletivamente como cada um dos seus associados individualmente, esforçar-se-ão pelo desenvolvimento do Evangelho na Igreja do Prado, e prestarão à Junta da mesma Igreja e ao Ministro respetivo todo o auxílio moral e material que seja possível»<sup>60</sup>.

56 Atual paróquia lusitana do Salvador do Mundo, em Coimbrões, Vila Nova de Gaia.

57 PEIXOTO – *Diogo Cassels*, p. 187; SILVA, António Manuel S. P.; AFONSO, José António; VIDAL, Alexandra – *A Igreja e a Escola do Prado: cento e quinze anos de instrução e testemunho cristão em Coimbrões, Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, 2016, p. 10.

58 DUARTE, Júlio – *O Esforço Cristão em Vila Nova de Gaia, de 1903 a 2002. A Liga de Esforço Cristão de Gaia da Igreja do Torne e o Esforço Cristão do Prado, da Igreja do Prado*. V. N. Gaia: Esforço Cristão do Prado, 2002.

59 SILVA; AFONSO; VIDAL – *A Igreja e Escola do Prado*, p. 10-11.

60 AHIL: Grémio Evangélico do Prado: *Estatutos*. Caderno datilografado. 30.11.1930.

Como se vê por este cuidado normativo, as sociedades do Esforço Cristão constituíam dispositivos bastante homogêneos e regulamentados, de acordo, aliás, com as indicações dos manuais internacionais do Esforço Cristão. Se bem que o dirigente máximo fosse, *ex officio*, o pastor ou líder da comunidade, a estrutura de gestão era totalmente representativa e democrática, tendo, muitas vezes, o presidente um papel meramente formal e pouco interventivo.

Se a dimensão lúdica e social era fundamental, no entanto, não devemos esquecer que a dimensão educacional estava também presente neste tipo de associações, servindo, neste caso, como instrumento de suporte à Escola do Prado, anexa à congregação religiosa<sup>61</sup>. As atividades culturais e desportivas e os passeios eram também formas de captar a juventude e promover a sua formação integral, num ambiente sadio e “controlado” corporativamente. Eram atividades comuns, no Esforço Cristão do Prado como noutras sociedades afins, a criação e dinamização de bibliotecas; grupos musicais e de teatro; realização de saraus e espetáculos diversos; a promoção de atividades desportivas (como o ténis de mesa); a criação de salões sociais e outros espaços de convívio, por vezes com inovações apelativas, como sucedeu no Prado, que em 1965 realizou uma campanha para adquirir um aparelho de televisão<sup>62</sup>.

Outras das áreas de atividade mais recorrentes era a da imprensa, traduzida por numerosos jornais e boletins, feitos por vezes com meios muito modestos<sup>63</sup> e com tiragens que não excediam algumas dezenas de exemplares. No Prado, viram a luz do dia, sucessivamente, *A União* (1927-1929); *Gazeta do Prado* (1929-1931) e *O Esforçador Juvenil* (1938), que culminaram com o boletim do *Esforço Cristão do Prado*, que se publica desde 1959 (Fig. 3).

A presença feminina não passa despercebida nestes ciclos associativos, e logo em 1932, as senhoras da igreja do Prado constituíam o departamento feminino do Grémio Evangélico, tendo como principais iniciativas o auxílio assistencial, moral e espiritual<sup>64</sup>, na linha de uma particular atenção que, desde o século XIX, se vinha conferindo aos espaços de sociabilidade feminina protestante<sup>65</sup>.

O aumento das atividades levou o EC do Prado, em 1935, a criar um fundo para reunir dinheiro para a construção de sede própria, mas com as vicissitudes da

61 SILVA, António Manuel S. P.; AFONSO, José António – *Associação das Escolas do Torne e do Prado: servir, educar e incluir*. Vila Nova de Gaia: AETP, 2015, p. 23.

62 SILVA; AFONSO; VIDAL – *A Igreja e Escola do Prado*, p. 11.

63 De forma manuscrita ou datilografada, exemplar a exemplar, antes da disponibilidade de sistemas de cópia (SILVA; AFONSO; VIDAL – *A Igreja e Escola do Prado*, p. 11).

64 SILVA; AFONSO; VIDAL – *A Igreja e Escola do Prado*, p. 10.

65 AFONSO, J. António – Protestantismo e questão feminina em Portugal em finais do século XIX e inícios do século XX. *Educação & Linguagem*. 18 (2008) 44-66.

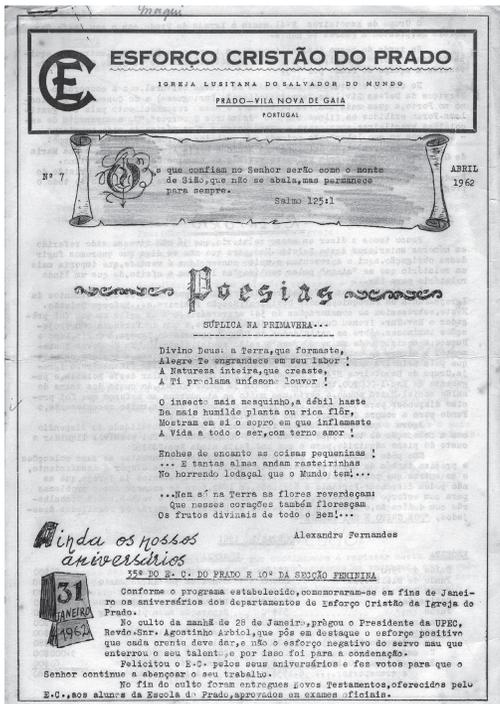
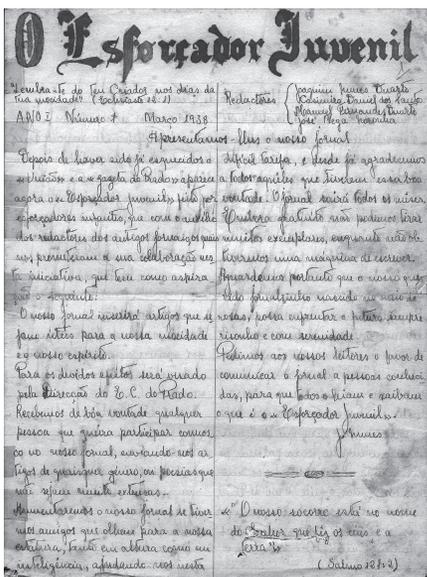
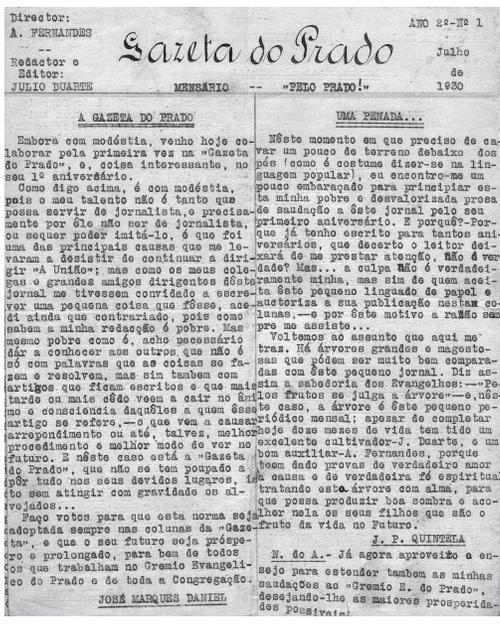
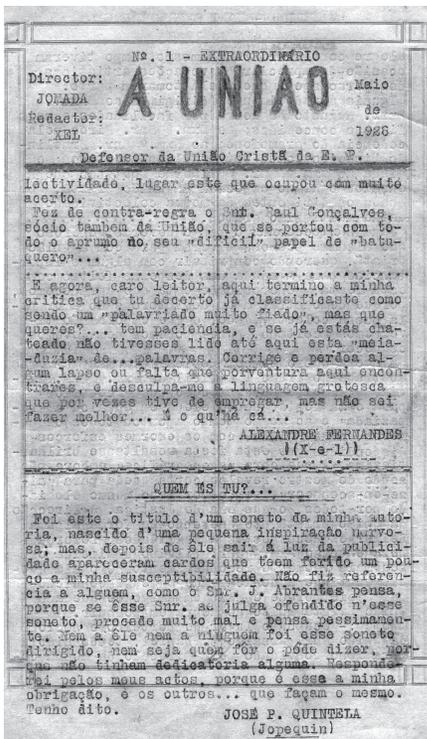


Fig. 3 – Principais publicações associadas ao Esforço Cristão do Prado (Vila Nova de Gaia): A União (1927-29), Gazeta do Prado (1929-31), O Esforçador Juvenil (1938) e Esforço Cristão do Prado (1959-em publicação). Arquivo Histórico da Igreja Lusitana.

Segunda Guerra Mundial e o aumento dos preços dos materiais de construção, o projeto foi abandonado, utilizando-se para o mesmo fim as salas do piso superior do edifício da escola. À custa de diversas campanhas de angariação de verbas, foram adquiridos um piano, uma máquina de escrever (1953) e um duplicador para imprimir o seu boletim, aparelho que custou em 1964 a expressiva quantia de 5 contos. O *Esforço* tinha também a seu cargo as reuniões de estudo bíblico, o prémio dos Antigos Alunos (atribuído aos alunos da Escola do Prado) e uma biblioteca, cujo registo chegou a contar com 638 títulos. Não se restringindo à atividade paroquial, a missão do Esforço alarga os seus horizontes além-mar, apadrinhando, com o «Fundo Missionário» (1962), a diocese anglicana dos Libombos, em Moçambique, cujo bispo diocesano, D. Daniel de Pina Cabral, havia sido pároco na igreja do Prado<sup>66</sup>.

## 5. Notas finais

Este breve inquérito histórico ao microuniverso de uma Liga de Esforço Cristão pode detetar algumas evidências – ainda que os instrumentos analíticos acionados se tenham limitado a uma abordagem hermenêutica, a completar com metodologias sociológicas e antropológicas – que, de um modo geral, balizam a vida de uma organização na sua estreita vinculação com a Igreja, realçando o grau de intensidade com que foi vivida a integração dos diversos atores que a constituíram, e que, de certa forma, a foram institucionalizando, por vezes mesmo em tensão com a Igreja ou no seio do coletivo<sup>67</sup>. Desta leitura ressalta um duplo efeito: por um lado, tanto quanto podemos inferir, transparece desta organização uma vitalidade que se confunde com o processo de amadurecimento e percurso individual dos jovens que arrancaram com a Liga; por outro, assinala-se que surgiram determinantes sociológicas, decorrentes da própria evolução da vida paroquial e da sociedade portuguesa ao longo do século XX, que modelaram a sua cultura organizacional e promoveram uma reorientação ou reequilíbrio das dimensões e atividades desenvolvidas.

Deste exemplo, infere-se ainda que o Esforço Cristão constituiu um espaço permeável a outras sociabilidades (por exemplo as redes endogâmicas de sociabilidade ou aquelas que derivam das próprias trajetórias escolares ou profissionais dos atores), o que permite pensar como certos dispositivos dinamizaram a coesão intragrupal<sup>68</sup> e outros serviram para salientar processos de identificação próprios,

66 SILVA; AFONSO; VIDAL – *A Igreja e a Escola do Prado*, p. 11.

67 A tenacidade com que o espírito associativo do EC era vivido e alguma irreverência própria da juventude levaram, pontualmente, a pequenos atritos com a Junta Paroquial, normalmente resolvidos sem maiores problemas, tanto mais que o pároco exercia, *ex officio*, a presidência da sociedade. Cf. DUARTE – *O Esforço Cristão em Vila Nova de Gaia*.

68 Veja-se, por exemplo, como em determinadas comunidades protestantes o uso da «lanterna mágica» para animação de conferências e outras reuniões, surtiu esse propósito. Cf. SIERRA BERNARDINO, Evangelina – *La heterodoxia protestante*

configurando práticas sistemáticas e sequenciais, assegurando a continuidade da associação. Neste sentido, o tempo é uma construção social que sustenta rotinas e o intrínseco quotidiano, quer ele se decline pela comunicação entre os elementos internos, quer se projete nas relações com o exterior.

Por último, refira-se que as narrativas com que trabalhámos são apenas uma das possibilidades de entendermos estes espaços de sociabilidade juvenil como um fenómeno histórico e social, não somente pela circunstância de corresponder à generalização de um modelo que circulou e foi absorvido, em condicionantes epocais muito específicas, mas também, de forma indireta como um índice das dificuldades e retração demográfica que ao longo do século XX se sentiu nas igrejas protestantes portuguesas históricas (Lusitana, Metodista e Presbiteriana), afetando muito diretamente as organizações vocacionadas para a juventude.

Neste contexto, a circunstância do Esforço Cristão do Prado ser atualmente, segundo cremos, a única sociedade relativamente ativa em Portugal, pode levar a um duplo questionamento. Ou aquele modelo associativo esgotou-se, por incapacidade de renovação, ao longo das últimas décadas, não respondendo já às necessidades atuais das igrejas; ou os constrangimentos crónicos em que vivem as comunidades protestantes mais cedo instituídas<sup>69</sup> foram reduzindo o espaço de investimento e criatividade num dispositivo essencialmente auto-organizado e de base voluntarista.

---

*en la Edad Contemporánea. Antecedentes, génesis y evolución de las Asambleas de Hermanos (Galicia 1868-1931)*. Tese de doutoramento. Vigo: Faculdade de Filosofia – Universidade de Vigo, 2016, p. 335 ss.

69 Referimo-nos, em especial, à recorrente escassez de meios, humanos e financeiros, para dar resposta às exigências e desafios de tecidos sociais, económicos e culturais em acelerada transformação.

